

ENSINO REMOTO E PANDEMIA: BREVES CONSIDERAÇÕES REMOTE EDUCATION AND PANDEMICS: BRIEF CONSIDERATIONS

Sandra Maria Sanches⁸

RESUMO

O presente texto apresenta um estudo exploratório e inicial acerca do impacto, curricular e organizacional, da pandemia do novo coronavírus com o isolamento social e proposta de atividades escolares no modo remoto em escola de ensino fundamental da rede municipal de São Paulo. O objetivo central foi verificar a predominância da tecnologia digital nas relações escolares ou se permanece como promessa pedagógica pendente, como nos assevera Charlot (2020). Considerando as respostas ao questionário aplicado, foi possível constatar a ineficiência do atendimento remoto por falta de condições objetivas, como inexistência ou precariedade dos objetos tecnológicos e rede de sinal disponíveis para as famílias e profissionais da escola, bem como a falta de domínio dessa linguagem na qualificação do processo educativo.

Palavras- chave: Ensino remoto. Pandemia. Trabalho pedagógico.

1 INTRODUÇÃO

O presente texto relata uma experiência minha, vivida numa escola pública de ensino fundamental e se caracteriza por um estudo exploratório e inicial acerca do impacto, curricular e organizacional, da pandemia com o isolamento social e proposta de atividades escolares no modo remoto.

A pandemia do novo coronavírus causou impacto substancial na vida de todas as pessoas não só no Brasil, mas em todo o mundo. Evidentemente, que esse impacto foi mais intenso na vida das pessoas das sociedades com maiores discrepâncias socioeconômicas.

No Brasil, escancarou além das mazelas de nossa sociedade, um projeto nacional de extermínio de parte da população (indígenas, homossexuais, mulheres, religiosos de matriz africana...). Lidera o ranking e se mantém, até o presente momento, como o país com maior número de mortes, como pode ser constatado nos noticiários nacional e internacional.

⁸ Doutora em Educação pela PUC-SP, no PEPG: História, Política, Sociedade. Área de Estudos: Gestão Escolar. Diretora de Escola na rede municipal de ensino de São Paulo.

A pandemia impôs a todos e a todas novas formas de relações em todas as esferas da vida. O espaço virtual se configurou, de um dia para o outro, como o principal (ou único) espaço possível de contatos interpessoais, de trabalho, de saúde, de estudos, de compras.

Em relação à educação, pôs em xeque alguns discursos legitimados, como a predominância da tecnologia nas relações escolares; a desqualificação ao trabalho docente; a educação domiciliar como solução na preservação de valores familiares.

Na escola, a única possibilidade para o desenvolvimento das atividades escolares, bem como o contato, foi mantido por meio deste espaço virtual. As atividades e informações passaram a ocorrer por meio de plataformas digitais acessadas por celulares, tablets e computadores e/ ou whatsapp.

Segundo Sampaio (2002), a escola realiza (ou realizava) o trabalho escolar respaldando-se na tradição, mantendo certo equilíbrio em sua atuação, protegendo sua cultura e sua tradição erigidas nas precariedades para o atendimento de números cada vez maiores de estudantes com realidade extremamente diversificada e muitas vezes desconhecida da instituição escolar.

A autora afirma que, nas últimas décadas, a escola paulista manteve parâmetros organizadores de prática baseados em pré-requisitos ou programas das séries para nortear o trabalho docente “[...] fixando o modelo de transmissão coletiva, memorização e mecanização [...]” (SAMPAIO, 2002, p. 10). Este modelo curricular de ensino já apresentava defasagem no aprendizado, tendo em vista que não garantia o acesso ao conhecimento.

O formato de atendimento remoto, a meu ver, desacomodou o funcionamento desta escola que esteve calcado desde sempre no contato pessoal e presencial. Portanto, é possível indicar que a escola e seus profissionais foram atingidos na base constitutiva de atuação e organizacional, evidenciando a precariedade material e formativa.

Nessa nova forma de atendimento, o uso dos objetos tecnológicos invadiu e representou a única ferramenta para mediação das relações escolares. A escola precisou aderir ao ciberespaço com as limitações tecnológicas que possui.

Lévy (1999) em sua obra intitulada *Cibercultura*, se propôs a pensar a cibercultura numa perspectiva otimista de reconhecimento que o crescimento, rápido e sem fronteiras, do ciberespaço resulta do movimento de jovens que desejam experimentar, coletivamente, diferentes formas de comunicação e que existe a

possibilidade de exploração das potencialidades positivas deste espaço nos âmbitos da economia, da política, da cultura e da humanidade.

Em obra mais recente Charlot (2020) problematiza e apresenta conclusões menos otimistas em relação ao uso das tecnologias digitais. Para ele, elas permanecem como promessa pedagógica pendente. Não nega o fato de que essa invasão tecnológica se tornou fundamental e irreversível. No entanto, assevera que a principal atividade dos jovens não é aprender, mas acessar informações, sem aprofundamento, daquilo que lhes interessa e para facilitar a realização de algumas tarefas escolares.

Para Lévy (1999) a cibercultura representa a mutação da comunicação e expressa:

[...] o surgimento de um novo universal, diferente das formas culturais que vieram **antes** dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer (LÉVY, 1999, p. 15).

Para análise dos impactos tecnológicos na cultura, o autor sugere retomar a ideia da técnica como produto de interação e constituição humana, considerando, portanto, a interdependência nas relações entre técnica, cultura e sociedade. Técnicas estas que criam condições novas e possibilitam ocasiões para o desenvolvimento individual e social.

Em perspectiva crítica, Charlot (2020) destaca que a utilização das tecnologias, ao permitirem maior rapidez nas formas de comunicação, induz formas abreviadas de expressão que vai à contramão da lógica escolar que, por sua vez, considera formas, ritmos e processos menos imediato, mais lentos e progressivos.

Acessar um vasto conjunto de informações é muito diferente de acessar conhecimento ou saber. O saber é mais do que o conjunto de informações acerca de determinado assunto; envolve capacidade de articular, ordenar e sistematizar estas informações para “responder a uma questão, resolver um problema, entrar em um universo de significado e sentido” (CHARLOT, 2020, p. 109).

Tal cenário, segundo esse autor, impõe grande desafio pedagógico em relação à atuação docente. A conversão do professor de informação para um professor de saber, tendo em vista que o Google é capaz de responder a qualquer pergunta em questão de segundos, porém essas respostas nem sempre são convertidas em conhecimento.

Buscar evidências que caracterizem impressões ou vivências do movimento do ensino remoto imposto pela pandemia, com base na visão das famílias, dos estudantes e dos profissionais da educação é o objetivo dessa breve pesquisa para futuras intervenções pedagógicas.

2 PROCEDIMENTOS E BREVE ANÁLISE

Tomei a iniciativa de aplicar um questionário, digital, junto aos segmentos representativos da escola: professores, estudantes, famílias, funcionários. Interessava-me saber se, de fato, esse mundo digital era de domínio, sobretudo dos estudantes que, como costumamos dizer, nasceram na era digital.

Como nos assevera Bourdieu (2011), a construção do dado deve ser embasada no entendimento da lógica social na qual o mesmo foi construído, ou seja, nas palavras dos entrevistados, deve-se saber ler a estrutura das relações objetivas, presentes e passadas, entre sua trajetória e a estrutura e a história do espaço das relações que se expressam nas relações que se investiga. Deve ser observada a relação dialética entre a estrutura e o indivíduo.

Nesse sentido, não se pode desconsiderar o fato de que todos nós estamos sob a pressão de uma pandemia de um vírus altamente contagioso e desconhecido; bem como o fato de que o isolamento social afetou a economia em nível mundial, trazendo como consequência altamente danosa para as famílias, a perda da renda para sobrevivência.

A presente investigação foi realizada em uma escola de ensino fundamental, localizada no bairro de Perus, um território com pouca opção para lazer, e os estudantes da escola, em sua maioria, são provenientes de famílias com reduzido capital cultural, social e econômico que investem muito ou todo seu tempo na luta pela sobrevivência.

Tais informações são importantes para entendermos os motivos que levaram às escolhas (ou não) dos objetos tecnológicos a serem utilizados bem como a manutenção de vínculos com alguns fazeres essencialmente presentes nas relações escolares, como o conhecimento científico, leitura e escrita sistematizada.

Além disso, são extremamente importantes no desenvolvimento das estratégias e metodologias a serem refletidas no desenvolvimento de planos de ação para o retorno destes estudantes e reorganização dos espaços e atividades escolares.

As informações foram coletadas de um questionário curto, organizado com perguntas fechadas e abertas, com linguagem adequada ao entendimento de todos, com perguntas objetivas e curtas. As respostas abertas eram facultativas aos respondentes. Foi divulgado por meio das redes sociais utilizadas para comunicação com famílias e estudantes (facebook e whatsapp) e plataforma *TEAMS*.

O quadro completo da escola compreende aproximadamente 600 estudantes e 50 professores. Levando em conta esse universo, pode-se concluir que a adesão foi baixa, tendo em vista que a pesquisa retornou 74 respostas - pouco mais de 10% em relação ao quantitativo de estudantes e professores. Dos estudantes respondentes (aproximadamente metade das respostas), a prevalência esteve entre os matriculados no Fundamental II (6º ao 9º ano).

A primeira questão solicitava que definissem a escola, por meio de três palavras, com aulas remotas.

A prevalência das respostas define uma escola de forma negativa com ensino remoto. A grande maioria das palavras respondidas entre todos os segmentos foram: insegurança, desigualdade, solidão, confusão, ineficiência, dificuldade. Chamou a atenção expressões como: “*se não tiver escola não tem aula*” (mãe de aluno); “*não entendo nada, se entendo, esqueço*” (aluno).

A condição para o desvelamento dos mecanismos de reprodução das desigualdades educacionais - que são expressões de desigualdades culturais e econômicas (BOURDIEU; PASSERON, 2014) naturalizadas por meio das políticas educacionais - é a superação do que Bourdieu define como doxa: a apreensão do mundo social pelas aparências, opinião e *marketing*; a ausência do conhecimento do mundo social, conhecimento indiscutido.

Suas pesquisas foram levadas a cabo na tentativa de responder ao que ele chamou de paradoxo da doxa, ou seja, como a ordem do mundo segue seu rumo de maneira perpétua e sem grandes transgressões ou quais os processos responsáveis pela transformação da história em natureza e do arbitrário cultural em natural. Afirma que, surpreendentemente,

[...] a ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças, salvo uns poucos acidentes históricos, perpetue-se depois de tudo tão facilmente, e que condições de existências das mais intoleráveis possam

permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo como naturais (BOURDIEU, 2017, p. 12).

Nas respostas acima enunciadas, duas questões parecem ser desveladas. Uma, de que a aula só existe na escola, ou seja, para algumas pessoas, sobretudo das classes mais pobres, certo capital cultural só pode ser acessado na escola, fato que revela a importância da escola na vida de muitas famílias. Outra, coloca em destaque como foi ou está sendo esse aprendizado. Não é novo o dado de que há tempos, muitos estudantes passam pela escola e dela saem com conhecimentos rudimentares de leitura e escrita, sem conseguir acessar conhecimentos que lhe possibilitem decifrar o mundo e se reconhecer neste como sujeito de direitos.

Em seguida, era solicitado que justificassem a resposta e nela, foi expresso com muita evidência, inclusive nas respostas dos professores, a questão objetiva que diz respeito à plataforma institucional de difícil operação e à falta de equipamentos e objetos tecnológicos como computadores ou tablets; acesso à internet; celulares de uso compartilhado entre os membros da família.

Para ilustrar a realidade de muitas pessoas, segue a justificativa de um estudante: “É que eu só tenho o celular da minha avó pra tudo eu, minha irmã, meu irmão e ainda tem minha avó e todos nós estamos estudando e mexendo no celular e quando nós vamos estudar a gente não consegue mexer direito”.

A ilustração acima expõe que a centralidade das dificuldades desse aluno está na classe social de origem, anterior à pandemia ou à operação dos equipamentos tecnológicos, pois ainda que a avó tivesse feito opção de não garantir celulares individuais, teria efetuado a compra de um equipamento que garantisse a realização das atividades escolares para os netos.

No que diz respeito ao aprendizado, as dificuldades mais relatadas abrangem a necessidade da mediação do professor; do contato com os demais estudantes; da rotina de estudo. Uma professora resume uma das dificuldades de desenvolver as atividades nesse espaço virtual: “Os alunos acabam se distraindo com outros aplicativos que tem no celular, computador ou tablet, com isso, acabam não focando totalmente nas atividades”. Enquanto um estudante de 9º ano exprime sua preocupação: “Muito mais confuso, esse ano e o outro [2021 e 2020], eu não aprendi absolutamente nada”.

Nestas respostas é possível evocar Jackson (1992) que descreve minuciosamente a vida nas salas de aula e nos convoca a pensar sobre os objetos e as relações que

compõem a escola para muito além do ensino ou aprendizado de conteúdos escolares. Conforme esse autor, na escola se aprende muitas coisas.

[...] viver em uma sala de aula se supõe, entre outras coisas, aprender a viver no seio de uma massa. Já fora mencionada esta verdade tão simples, porém requer uma explicação mais ampla. A maior parte das atividades realizadas na escola é feitas com outros ou, ao menos, na presença de outros e isto tem profundas consequências para a determinação da qualidade de vida de um aluno (JACKSON, 1992, p. 4).

Com base nas palavras do autor, as respostas evidenciam que o problema não está somente no uso de tecnologias digitais ou aulas virtuais, mas também no que está incorporado como sendo uma escola, uma aula, ou um estudante. As respostas exaltam a ausência e necessidade de uma das responsabilidades do professor, “canalizar as interações sociais da sala de aula” (JACKSON, 1992, p. 5).

Ao que concerne à comunicação, ainda que durante alguns meses o modelo virtual tenha sido a única possibilidade de contato, as famílias e estudantes expressam maiores dificuldades na relação com a escola e chegam a expressar sensação de abandono.

O abandono não é novidade em um lugar onde o poder público interfere pouco para garantir direitos à saúde, educação, moradia e lazer. Esse dado pode ser constatado nos dados do Censo/2000⁹ que apresentaram, nessa região, população de 1.044.742 habitantes com renda média mensal por habitante de R\$ 751,60.

Conclui-se que esse abandono verbalizado, sentido de forma intensa e violenta, foi direcionado à escola porque ela representa nessa região um ponto de contato com o poder público que antes da crise sanitária mundial atravessava grande crise política, com gestão austera e antidemocrática direcionada, internamente, a setores essenciais como saúde e educação e, externamente, aos acordos e relações internacionais. Portanto, não implementou ações eficientes para garantia de renda mínima para as pessoas;

⁹ Média ponderada dos dados de renda e população da Prefeitura. Dados disponíveis em: <http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/secretarias/planejamento/plano_diretor/Plano_Municipal_Habitacao.pdf>. Acesso em 20 de novembro de 2017. Cabe justificar que foram utilizados dados tratados pelo *site* da prefeitura que, até a presente data de acesso, disponibilizava apenas dados referentes ao Censo/2000.

atendimento médico para a população mais carente; isolamento social para controle da disseminação do vírus.

Passando para a última questão que solicitava a escrita de duas palavras que exprimem o sentimento em relação às aulas remotas, a palavra tristeza predomina nas respostas; frustração, saudade e cansaço vêm logo em seguida.

Como é possível pensar a organização de uma escola sem considerar o medo que baliza, nesse momento, as relações escolares? No caso específico da gestão escolar, conforme Sanches (2019) o diretor enfrenta o desafio de manter o controle, tanto no sentido organizativo quanto no sentido educacional, por meio da elaboração e aplicação da política, possibilitando o desenvolvimento de solidariedade, de cooperação, de entusiasmo e de adesão, sobretudo num momento como esse no qual a escola não pode desconsiderar o luto e as desigualdades socioeconômicas e educacionais que saltam aos olhos.

Essas considerações são muito bem explicitadas por Ball (1989):

Traduzidas na linguagem mais racional e estéril da teoria da organização, essas pressões e expectativas contraditórias aproximam-se das duas funções básicas da administração: a função relativa às tarefas (iniciar e dirigir) e à função humana (consideração) (BALL, 1989, p. 93).

Fica a dúvida se as políticas educacionais vão contribuir para a autonomia da gestão escolar no sentido de avaliar, encaminhar, priorizar questões com as devidas considerações dos agentes diretamente envolvidos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do exposto até aqui, restam questionamentos vários com poucas respostas ou até mesmo reflexões, quais sejam: quais respostas serão dadas pelos profissionais da escola diante do que se caracteriza como “novo normal” para as relações escolares? De onde virão algumas respostas: se vierem das propostas oficiais, como serão enfrentadas ou adaptadas na realidade escolar?

Penso ser salutar que, diante da tristeza, do cansaço e da frustração, relatada pela grande maioria, sejam garantidos espaços para expressão de sugestões, debates e reflexões, consideradas as visões de mundo destes. Pensar o processo educativo em

situação tão adversa requer (re)pensar a função da escola; problematizar a centralidade dessa função acerca da transmissão cultural; refletir acerca do fazer pedagógico de maneira a contribuir para que os estudantes consigam aliviar o sofrimento com tantas incertezas e dificuldades desse momento por meio das possibilidades que podem ser exploradas das atividades escolares, cujo foco central é o conhecimento científico.

A pandemia caracterizou a ineficiência do atendimento remoto por falta de condições objetivas, como inexistência ou precariedade dos objetos tecnológicos e rede de sinal disponíveis para as famílias e profissionais da escola; a falta de domínio dessa linguagem na qualificação do processo educativo. Mas, também porque o processo educativo necessita, fundamentalmente, da interação social.

Resta em aberto uma questão central, no meu entendimento, as tecnologias virtuais que definitivamente invadiram os espaços e relações escolares serão convertidas em metodologias para o saber ou delimitarão a relação com o conhecimento e o desenvolvimento das capacidades humanas?

REFERÊNCIAS

BALL, S. J. **La micropolítica de la escuela**: hacia una teoría de la organización escolar. Madri: Centro de Publicaciones del Ministerio de Educación y Ciencia, 1989.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 21-167.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

_____. Compreender. In: _____. **A miséria do mundo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011, p. 693-732.

CHARLOT, B. **Educação ou Barbárie**: uma escolha para a sociedade contemporânea. São Paulo: Cortez, 2020, p. 106-125.

JACKSON, P. W. **La vida en las aulas**. 2. ed. Espanha: Fundación Paidea, 1992.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Primeira Parte: Definições. São Paulo: 34, 1999.

SAMPAIO, M. das M. F. (org.). Apresentação. In: **O cotidiano escolar face às políticas educacionais**. Araraquara: JM Editora, 2002, p. 7-20.

SANCHES, S. M. **Percursos**: práticas dos diretores de escola da rede municipal de São Paulo. Tese de Doutorado. PEPG: História, Política, Sociedade da PUC/SP, 2019.